



A temática Guerra Fria em situação escolar: experiências da prática de Estágio Supervisionado

Jaqueleine A. S. Franco*

Introdução:

A disciplina Estágio Supervisionado é uma atividade oferecida pelos cursos para a aproximação do aluno com a realidade profissional. É pensado como um exercício para efetiva construção de identidade profissional. No curso de graduação em História, o estágio é pensado como uma disciplina curricular que exige momentos de reflexão e prática simultâneos. É estruturado em cinco etapas: Estágio I, II, III, IV e V, oferecidas ao longo de graduação.

Ao longo de suas etapas aborda conteúdos relativos aos processos de ensino e aprendizagem histórica, estudos historiográficos para o ensino de História e da problematização de conceitos históricos; repertórios, teórico e prático, oferecidos por meio da leitura e discussão da bibliografia selecionada e de atividades programadas com o objetivo de promover a relação teoria e prática na formação de professores de História. Através da inserção em escolas públicas parceiras da universidade, nos prepara para atuar com jovens e crianças de ensino fundamental e médio, oriundos de diversas camadas socioeconômicas, que precisam se apropriar de saberes fundamentais para o exercício da cidadania.

Compreendendo a necessidade da prática do Estágio para a formação docente, entre maio de 2015 e julho de 2016, realizamos diversas incursões em diferentes escolas públicas de Ituiutaba, ora na condição de estagiário observador, ora como estagiário interventor, período todo permeado por estudos de textos, sob orientação e que cujos resultados já têm sido apresentados ao longo da conclusão de cada etapa.

Neste trabalho, me proponho a apresentar e refletir especificamente sobre a etapa de Estágio IV efetivado na Facip/UFU, tendo por base um amplo referencial



bibliográfico apresentado ao longo da disciplina e a pesquisa de cunho etnográfico que nos possibilitou identificar, coletar e selecionar informações para refletir e intervir em turmas de ensino médio na escola campo.

Meu trabalho justifica-se diante do reconhecimento de que a escola é o espaço que vamos atuar; sendo necessário que o percebamos em suas múltiplas dimensões, pois temos que nos inserir a partir do estabelecimento de uma relação que não desconsidere o contexto sob o qual estas se encontram inseridas. Um espaço onde vivem e convivem diferentes sujeitos, cuja construção cotidiana é permeada por conflitos e negociações.

Divide-se em três partes. Na primeira, apresento a escola campo na qual realizei o Estágio, seus espaços e seus sujeitos. Na segunda, apresento a intervenção desenvolvida, uma Sequência Didática referente a temática Guerra Fria. Por fim, teço como minhas considerações finais uma breve reflexão sobre o que apreendi desta etapa de curso.

A escola, seus espaços e seus sujeitos

A escola

A escola escolhida para a realização da atividade de Estágio Supervisionado IV foi a Escola Estadual Antônio de Souza Martins, situada na rua Dezoto, número 1444, bairro: Centro, na cidade de Ituiutaba MG. É conhecida na cidade como escola "Polivalente", apelido adquirido em decorrência de ter surgido na cidade no ano de 1974 em consonância com a proposta de ensino público dos governos militares para o Brasil na década de 1970. Sua arquitetura expressa a preocupação dos governos militares com o ensino profissionalizante; o projeto teve como característica a padronização arquitetônica que previa espaços abertos, paredes flexíveis que podiam se abrir formando novos ambientes adequados para trabalhos de observação, de experimentação, aplicação prática de conhecimentos e a locomoção até as salas ambiente, laboratórios, hortas e quadras esportivas.

Atualmente, esse currículo não existe mais, mas a arquitetura continua e os



espaços foram adaptados em função de novas necessidades. A demanda pela abertura de vagas fez com que os laboratórios fossem adaptados para salas de aulas comuns que não impedem aulas práticas, mas que privilegiam as aulas teóricas expositivas. Ainda assim, a escola continua sendo um espaço amplo, com bastante área verde, salas de aulas amplas bem iluminadas e ventiladas. Enquanto estrutura física é um espaço agradável e confortável. Possui muitos espaços para atividades extraclasse. A quadra fica em local onde seu barulho não interfere nas aulas.

Conforme Frago (2000), entendemos que a escola enquanto instituição ocupa um espaço e lugar. Um espaço projetado ou não para tal uso, mas dado, e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado. De modo que observar espaços físicos é importante porque estes mostram o emprego que os sujeitos que o cercam e compõe fazem dele. Emprego que varia e que é também produto, tendo por base a proposição de que a escola não deve ser estudada sem o exame do contexto social, político e econômico que lhe contemporâneo.

Seus sujeitos

A etapa III de Estágio nos põe em contato com a educação da juventude. É a hora de sermos apresentados ao Ensino Médio. Uma realidade complexa, carregada de tensões e desafios. Para compreender e aprender com esta nova experiência Dayrell (2007) propõe de antemão a problematização da condição juvenil no Brasil.

Trata-se do reconhecimento da existência de um novo modo de ser jovem que tem colocado em questão o sistema educativo, suas ofertas e suas posturas pedagógicas. É um jovem que tem se construído em um contexto de profundas ressignificações do tempo, do espaço e da reflexividade, mediadas pelo acesso a novas fontes de informação que fogem a família e a escola. Quando o caso é a escola pública (espaço onde vamos atuar), temos também o mundo do trabalho mediando suas expectativas de futuro, pois os jovens que a frequenta são em sua maioria oriundos de camadas populares, marcados por uma realidade de profundas desigualdades sociais; jovens para os quais a garantia da própria sobrevivência é o desafio cotidiano.



Durante a prática do estágio, percebi entre jovens estudantes da escola campo um profundo desinteresse pelas aulas de História assistidas, e que aparentemente se estende pela escola. Desinteresse evidenciado não pela falta de zelo com o espaço, mas pela ausência de alunos na escola, embora o número de jovens matriculados seja grande.

Constatei a existência de uma relação bastante assimétrica e autoritária entre os alunos e outros sujeitos que compõe a escola. Penso que isso aconteça em decorrência de a escola não ter sido percebida amplamente como espaço social público, cujo compromisso de “zelar” é de todos, o que dispensa uma escola “policuada” por funcionários.

Outra questão que me incomodou profundamente foi que durante este tempo de observações eu fui a única negra entre professores, estagiários, funcionários técnicos e gestores da escola. Vi apenas uma funcionária negra, na função de limpeza. Esse meu diagnóstico não é uma realidade específica desta escola, ele somente evidencia o quanto nossos espaços institucionais são excludentes. E aponta para a urgência de construirmos novos currículos escolares abertos para as diferenças.

Logo que comecei minhas atividades, a professora regente das turmas de ensino médio que me propus acompanhar por sete turmas de segundos e terceiros anos do ensino médio¹, teve que se afastar por motivos de saúde; então acompanhei uma nova professora durante a realização de parte do Estágio.

A professora substituta começou a atuar em 2004, durante oito anos deu aulas apenas para o ensino fundamental; tem dois que atua diretamente no ensino médio. Escolheu o curso de História por afinidade. Não tem nenhuma especialização, mas tem perspectiva de mestrado focado na formação de professores. Nos recebeu muito bem, sempre esteve disposta a nos orientar no que fosse preciso. Sua metodologia de ensino prioriza aulas expositivas e o recurso quadro-giz; quase não fez uso do livro didático de História. Quando questionei, explicou-me que a escola não disponibiliza livros para todos seus alunos, daí que passar textos resumidamente no quadro é uma solução. Em relação as dificuldades enfrentadas na profissão ela acredita que as maiores dizem respeito ao sistema, as decisões que vem de fora e que são obrigadas a cumprir. Mencionou também que acha muito difícil vencer o desinteresse de alguns dos jovens.



As observações me fizeram perceber que professora é comprometida com o que faz, tem também muita abertura para aprender com seus alunos.

A proposta de intervenção: uma sequência didática

A professora regente das turmas retornou as atividades no mês de agosto, de modo que esteve presente nesse momento de construção e execução da proposta de intervenção. Foi partir de uma sequencia de conteúdos previamente estabelecida por ela, que acordamos que eu trabalharia a temática Guerra Fria.

A turma elencada para desenvolvimento da intervenção foi o terceiro ano A, matutino. Com 37 alunos, agitada; mas pouco interessada em aulas de História tradicionais. Mas, quando a discussão do conteúdo associava-se com sua vida cotidiana essa turma reagia. Interviam, criticavam, contavam o que passou na televisão ou na internet sobre história, e pediam explicação para a professora.

Diante disto, minha preocupação era como fazer com que os jovens estudantes tivessem interesse na minha intervenção. Era fazer com que o conteúdo ensinado fizesse sentido para aqueles jovens. Mas, como mobilizá-los? Como despertá-los?

Para elaboração da intervenção recorremos as proposições de Antoni Zabala sobre a construção de Sequências Didáticas e Sequências de Conteúdo. Segundo este autor, a elaboração de uma proposta de intervenção precisa considerar, de antemão, que a aprendizagem é uma construção pessoal que cada um realiza graças a ajuda que recebe de outro. O professor(a), nesse processo, é a pessoa especializada que ajuda a detectar um conflito inicial entre o que já se conhece e o que se deve saber, que contribui para que o aluno se sinta capaz e com vontade de resolvê-lo, que propõe o novo conteúdo como um desafio cuja resolução terá alguma utilidade. É também a pessoa que intervém no processo de aprendizagem ajudando o aluno a adquirir habilidades relacionadas ao aprender a aprender, para que sejam cada vez mais autônomos em sua aprendizagem.

Diante disto, optamos pela construção de uma Sequência Didática, por entendemos que esta carrega o que significa aprender o que propomos. Ou seja, a importância das intenções educacionais na definição dos conteúdos de aprendizagem e, portanto do papel das atividades que se propõem. Pois ao propor ensinar conceitos e



princípios, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais, considera a vivência do aluno com o mundo que o cerca e agrega sentido ao que está sendo ensinado para o jovem.

Elencamos como objetivo geral identificar e estudar criticamente o período histórico compreendido como Guerra Fria; tendo em vista que, estudar este conteúdo é necessário para a compreensão de contornos políticos e ideológicos que ainda hoje orientam rumos políticos pelo Brasil e pelo mundo; a exemplo: o impacto das tecnologias desenvolvidas no período na produção e circulação de ideias; as lutas por independência que influenciaram na construção de um novo mapa geo-político do mundo; e a instauração dos governos populistas e regimes políticos ditatoriais na América Latina.

Pensada para se executada em 04 aulas de 50 minutos, intitulamos a Sequência “Guerra Fria e mundo bipolar”, optamos por trabalhar com os conceitos de Imperialismo, Ideologia, Capitalismo, Socialismo, Comunismo e Guerra Fria, visto que“(...) conceitos e princípios são temas abstratos, requerem uma compreensão do significado e, portanto, um processo de elaboração pessoal” (ZABALA, 1998, p.75).

Estabelecemos como objetivos procedimentais desenvolver nos alunos habilidades ligadas a aprender relacionar problemáticas atuais com processos característicos da guerra fria; aprender a formular problemas e soluções; fazer leitura e análise crítica sobre a dinâmica de mudanças e permanências dos processos históricos culturais através de leituras e análises.

E como conteúdos atitudinais; aprendizado necessário para que o aluno desenvolva a habilidade de posicionar-se diante do que aprende, considerando o contexto no qual está inserido; nosso intuito foi estimular a formação de atitudes e de negociações e proposições coletivas para resolução de problemas comuns, reconhecendo o direito do outro de se manifestar e apresentar suas ideias.

Na primeira fase de aplicação da Sequência (uma aula de 50 minutos), cujo objetivo era a identificação dos conhecimentos prévios e sensibilização dos alunos acerca do tema que estudado, propus trabalhar com uma fotografia que aborda a temática Guerra Fria. Metodologicamente a intenção era fazer análise interna e externa



da fotografia, a partir da compreensão de que existem diferentes tipos de imagem, e qual era o tipo de imagens que estavam usando.

Esta atividade com imagem foi pensada para ser desenvolvida em grupos de até 04 alunos, divida em momentos distintos. No primeiro, observação da imagem sem legenda, para realização de análise interna e construção de hipóteses, orientados pelas seguintes questões: O que vocês veem retratado na imagem? Quais elementos vocês identificam na imagem? Descreva-os. Descreva o ambiente que a foto apresenta. Você acham que algum(s) elemento da imagem tem mais destaque que outro(s)? Por quê? O que vocês acham que a imagem quis revelar? Você acham que esta é uma foto antiga ou recente?

No segundo momento, através de texto com informações sobre contexto de produção da fotografia e sobre quem a produziu, seus usos e significados, os alunos deveriam procurar responder as hipóteses levantadas. E a partir de então, cada grupo deveria construir uma legenda explicativa e autoral para a foto.

Na fase seguinte (aula 02), considerando imperativo desenvolver uma narrativa histórica que contribua para os jovens estudantes realizarem uma leitura de mundo², e apresentar obstáculos cognitivos para os alunos, de forma que eles necessitem usar as referências teóricas estudadas nas atividades, optei por trabalhar com leitura e reflexão do texto “Uma Terceira Guerra Mundial?” (HOBSBAWM, 1995, p. 224). A intenção era usá-lo como estratégia de informação que mobiliza os estudantes a ampliar o conhecimento sobre o assunto.

Na terceira fase (uma aula de 50 minutos) de desenvolvimento da Sequência, buscamos debater a emergência da Guerra Fria na segunda metade do século XX a partir do estudo de textos impressos³. Aqui nos propomos a recordar porque acontece a Segunda Guerra, como os EUA e a URSS se tornam potências do período. Problematizar a ideia de que nenhum tiro foi disparado durante a Guerra Fria, a partir da referência as guerras de libertação que acontecem no século XX custeadas por alguma potência da época, nesse sentido a proposta foi tratarmos especificamente da Guerra do Vietnã.



Para a quarta e última fase, escolhi trabalhar com canção, pois, conforme Guimarães (2003), acredito que a linguagem musical pode alargar a compreensão de temas históricos pois desperta sensibilidades e desenvolve a criatividade.

A canção escolhida foi *Era um garoto que como eu...* interpretada pela banda de rock nacional *Engenheiros do Havaí*. O passo inicial seria a leitura metódica; depois de explorada a letra realizar, a audição e por fim, o momento de reflexão sobre a canção e sobre o que foi apreendido com a temática. Algumas questões para orientar a reflexão:

a) Sobre quem a letra da música fala? (Observe a primeira estrofe que é utilizada para identificar o sujeito da história apresentada na letra); b) A música faz distinção entre dois momentos diferentes da história de vida do sujeito apresentado. Que momentos são esses? Caracterize-os a partir das informações contidas na letra da música. Indique as estrofes que se referem a cada um dos dois momentos.

A execução da minha Sequência em nenhum momento aconteceu conforme eu esperava. Quase não consigo cumprir o proposto, em decorrência sobretudo da dificuldade que tenho em lidar com o tempo escolar. As aulas de História nas escolas públicas brasileiras são poucas. Percebi durante a execução da Sequência que eu poderia ter escolhido apenas uma das linguagens (fotografia ou canção) para trabalhar a temática porque assim teríamos tempo de explorar de maneira mais intensa as especificidades da linguagem elegida.

As aulas tiveram desdobramentos que não esperava, na primeira aula uma expectativa alcançada foi que a partir do uso da linguagem fotográfica conseguimos despertar o interesse dos jovens para a temática. Aqueles estudantes cujo silêncio as vezes me assombrava em outras aulas assistidas, mostraram bastante interesse por fotografias e como gostam de fazer fotos. Não consegui terminar nesta aula o trabalho com imagem, precisei concluir na aula seguinte.

Na minha terceira aula houve a leitura dos dois textos propostos. Realizamos a leitura do texto “Uma Terceira Guerra Mundial?” (que deveria ter sido realizada na aula anterior) e passamos para a revisão dos conceitos de ideologia, imperialismo, capitalismo, socialismo e comunismo. O resultado foi um amplo debate, que trouxe também a situação política de Cuba para a discussão.



A quarta aula, na qual deveria ser trabalhada a canção, continuamos com estudo de textos e interpretação coletiva porque esta era minha última aula com aquela turma e eu não teria mais condições de voltar para executar minha Sequência completamente. Logo que finalizamos a leitura metódica dos textos, partimoos para a leitura e interpretação oral da canção. Ouvimos apenas uma vez devido o pouco tempo que restou. Não pudemos explorar todas as potencialidades da canção, de modo que acabei a usando apenas como reflexão de encerramento.

Considero que as aulas de História precisam contemplar que a aprendizagem como construção pessoal mediada pelo professor, dos sujeitos que compõe a sala de aula; nesta expectativa foi que elegi duas linguagens diferentes para trabalhar o conteúdo; como possibilidades de ampliação da aprendizagem dos alunos, de modo que estes aprendam a aprender e sejam cada vez mais autônomos.

Considerações finais

A execução da sequência não saiu conforme eu planejei, mas contribui para aprender que estamos lidando com jovens estudantes que cotidianamente desafiam nossas certezas, porque para eles a escola tem contribuir positivamente na construção da sua condição juvenil ou não faz sentido continuarem ali.

Os jovens que frequentam as escolas públicas brasileiras, em sua maioria, tem suas vidas marcadas pela inclusão subalterna. No estágio, eu pude perceber como tem “arrombado” as portas da escola, apesar da tendência em culpabilizá-los pelo fracasso que é o projeto de educação pública hegemônico no Brasil. Minha constatação parte do diagnóstico de que se hoje a escola se tornou menos desigual, continua injusta; conforme Dayrell (1998), defendo que,

a escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais.



A observação participante, nos possibilitou perceber o quanto “os jovens estudantes querem ser reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia” (DAYRELL, 1998). De modo que, não faz sentido prática de ensino e aprendizagem que não seja engajada, sem posicionamento político no mundo.

Nessa perspectiva, Garrido (2006) assinala que a “a atividade docente sistemática e científica toma objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) de modo intencional, não casuístico.” A intenção com tal prática não pode ser “doutrinar” ou anular, mas despertar, propor, e trazer sempre motivação para aprendizagens.

Defendo que para pensar e agir na e para a escola é preciso vivê-la; é preciso se colocar diante dessa realidade em movimento com sensibilidade, pois só assim ensaiaremos a possibilidade de compreender a necessidade de uma escola aberta as vozes de grupos culturais étnicos plurais. De uma prática de ensino que contemple e agregue as diferenças de gênero, étnicas, culturais, de classe social e políticas que compõe a sala de aula, a escola e o mundo. O estágio não é o momento que vamos para a prática ou ação, mas sim o momento que experimentamos a escola para aprofundar nossas reflexões sobre o porquê, para quem e como ensinar.

A Escola Estadual Antônio de Souza Martins me oportunizou grandes aprendizados; contribuiu significativamente para minha formação ao me apresentar a desafios próprios da prática docente. Terminei esta etapa com muitas angústias e inquietações a respeito do papel das escolas na nossa sociedade, do ensino de história, e sobretudo sobre quem vou ensinar. Desejo que estas minhas inquietações sirvam para a construção de uma prática de ensino, reflexiva e formativa, sempre consciente de seu inacabamento. Pois considero o ensinar, e principalmente o ensinar História prática social em permanente (re)construção carregado de escolhas, visões, interpretações e concepções. Compreendo, cada vez mais, em cada experiência cotidiana, o por quê minha prática necessita ser um compromisso político, social e ético.



Referências bibliográficas:

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol.28, n.100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FRAGO, Antônio Vinão. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antônio Vinão e ESCOLANO, Augustín. *Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 62-139.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 224

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2006.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino da História. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Questões da teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000, p. 257-288.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. In.: *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da F. Rosa. São Paulo: Aramed, 1998.

* Bolsista do PET História – FACIP/UFU. E-mail: <ja.quesouza@hotmail.com>.

¹ 2º B, 2ºC, 2ºD, 2ºE, 2ºF, 3ºA e 3ºB. A escola possui outras turmas de ensino médio, e outros dois professores de história distribuídos por tais turmas.

² Para Seffner (2000), o conceito de leitura tem a ver com autonomia e independência. Ler é entender o mundo, e escrever é transformar o mundo. Isso se relaciona com o “contar a própria história”, construir sua trajetória de vida, imaginar caminhos e roteiros de vida.

³ Os textos trabalhados foram “Quando começou e terminou a Guerra Fria” disponível no site: <www2.cultura.com.br/aloescola/historia/guerra1/descricaopanoramica.htm>. E “O bloqueio de Berlim” uma adaptação realizada por mim, de partes da obra *Ser protagonista: História, 3ºano: ensino médio/obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM*; editora responsável Valéria Vaz. 2. - ed. – São Paulo: Edições SM, 2013. p. 126-127.